

Recortes do pensamento político latino-americano: o zapatismo entre a política e a diferença

Wanderson Flor do Nascimento¹

Resumo

O presente texto busca apresentar, por meio de um olhar sobre o movimento zapatista mexicano, um modo latino-americano de pensar a política e, mais especificamente, um modo político de lidar com a pluralidade, com a diferença, em torno do que se poderia chamar de filosofia política da diferença que, assumindo as contradições e a complexidade do fenômeno político, apresenta um convite a pensar diferentemente a política, reinventando os lugares de enunciação social e participação coletiva. Este olhar sobre o zapatismo parte da leitura de um comunicado do Subcomandante Marcos, chamado "A história da busca", no qual algumas ideias sobre política são enunciadas de um modo poético e incisivo.

Palavras-chave: Zapatismo. Filosofia Política. Diferença. Pensamento Latino-Americano.

¹ Graduado, especialista e mestre em Filosofia, pela Universidade de Brasília, doutorando em Bioética pela mesma universidade, onde pesquisa o pensamento latino-americano e suas contribuições para a bioética. É também professor colaborador da Área de Filosofia na Escola (FE-UnB) e atua no Grupo de Pesquisa em Educação e Políticas Públicas: Gênero, Raça/Etnia e Juventude (GERAJU-FE/UnB). Pesquisa relações de Gênero, Subjetividades, Relações Raciais, Diversidade de Gênero e Sexualidade com os referenciais pós-estruturalistas, psicanalíticos e das teorias feministas, além do referencial latino-americano descolonial.

A história da busca

Contam nossos mais antigos sábios que os deuses mais primeiros, os que nasceram o mundo, os que nasceram quase todas as coisas, e não fizeram todas porque eram sabedores de que um bom pedaço cabia aos homens e mulheres nascê-las. Por isso é que os deuses que nasceram o mundo, os deuses mais primeiros, se foram quando ainda não estava acabado o mundo. Não por serem preguiçosos é que se foram sem terminar, mas porque sabiam que cabe a uns começar, porém terminar é trabalho de todos. Contam também os mais antigos de nossos mais velhos, que os deuses mais primeiros, os que nasceram o mundo, tinham uma trouxa, onde iam guardando as pendências que iam deixando em seu trabalho. Não para fazê-las depois, mas para terem lembrança do que haveria de vir, quando os homens e as mulheres terminassem o mundo que nascera incompleto. Já se iam os deuses que nasceram o mundo, os mais primeiros, como a tarde se ia, como que se apagando, como que se cobrindo de sombras, como não estando, mesmo se ali estivessem. Então um coelho, irado com os deuses por não o terem feito grande, foi roer a trouxa dos deuses, sem que estes se dessem conta, porque já estava um pouco escuro. O coelho queria rasgar toda a trouxa, porém fez barulho e os deuses perceberam e foram persegui-lo para dar-lhe um castigo pelo delito que tinha feito. O coelho, rápido, escapou. Por isso é que os coelhos comem como se tivessem feito uma coisa errada e correm se vêem alguém. O caso é que, apesar de não ter conseguido rasgar toda a trouxa dos deuses mais primeiros, o coelho conseguiu fazer um buraco. Então, quando os deuses que nasceram o mundo se foram, pelo buraco da trouxa foram caindo todas as pendências que havia. E os deuses mais primeiros nem perceberam o que acontecia. E então veio o vento e se pôs a soprar e soprar e as pendências se foram de um lado para o outro e como era de noite, ninguém percebeu onde foram parar essas pendências que eram as coisas que tinham que nascer para que o mundo fosse completo. Quando os deuses se deram por conta da bagunça, fizeram muito barulho e ficaram muito tristes e dizem que alguns até choraram, por isso é que se diz que quando vai chover, primeiro o céu faz muito barulho e logo vem a água. Os homens e as mulheres

de milho, os verdadeiros, escutaram os gritos porque, normalmente, quando os deuses choram, de longe se escuta. Foram, então, os homens e mulheres de milho ver porque os deuses choravam, os mais primeiros, os que nasceram o mundo, e logo, entre soluços, os deuses contaram o que tinha acontecido. E então, os homens e as mulheres de milho disseram: “Não chorem mais, nós vamos buscar as pendências que vocês perderam porque sabemos que há coisas pendentes e que o mundo não estará terminado até que tudo esteja feito e acomodado.” E continuaram dizendo os homens e mulheres de milho: “mas, perguntamos a vocês, os deuses mais primeiros, os que nasceram o mundo, se se lembram um pouco das pendências que perderam para que assim nós saibamos se o que vamos encontrando é uma pendência ou é algo novo que já está nascendo”. Os deuses mais primeiros não responderam porque a gritaria que faziam não os deixava nem falar. E logo depois, enquanto apertavam seus olhos para limpar suas lágrimas, disseram: “**uma pendência é que cada qual se encontre**”. Por isso é que nossos mais antigos dizem que quando nascemos, nascemos perdidos, e que então, conforme vamos crescendo, vamos nos buscando e que viver é buscar, buscar-nos a nós mesmos. E já mais calmos, continuaram dizendo os deuses que nasceram o mundo, os mais primeiros: “todas as pendências a nascer no mundo têm a ver com esta que dissemos – que cada qual se encontre. É assim que saberão se o que encontram é uma pendência a nascer no mundo: se lhes ajuda a encontrarem a si mesmos”. “Está bem”, falaram os homens e as mulheres verdadeiros, e se puseram logo a buscar por todos os lados as pendências que haviam de nascer no mundo e que os ajudariam a encontrarem-se. O velho Antonio [que contara a história] termina as tortilhas, o cigarro e as palavras. Fica um momento olhando um canto da noite. Depois de alguns momentos diz: “Desde então nós estamos buscando, buscando-nos. Buscamos quando trabalhamos, quando descansamos, quando comemos e quando dormimos, quando amamos e quando sonhamos. Quando vivemos, buscamos buscando-nos e, buscando-nos, buscamos quando já morremos. Para encontrarmo-nos, buscamos; para encontrarmo-nos, vivemos e morremos”. E como se faz para encontrar-

se a si mesmo – perguntei. O velho Antonio ficou me olhando e me disse enquanto enrolava outro cigarro de palha: “Um velho sábio zapoteco me disse como. Vou ter contar, porém em metáforas, porque só quem se encontrou pode falar bem a língua zapoteca que é a flor da palavra, e minha palavra é apenas uma semente, e têm outras que são como talo, folhas e frutos e isso encontra quem é completo”. Disse o pai zapoteca: “Primeiro andarás todos os caminhos de todos os povos da terra antes de encontrar-te a ti mesmo”. Tomei nota do que disse o velho Antonio naquela tarde em que março e o dia se apagavam. Desde então tenho andado muitos caminhos, mas não todos, e ainda busco o rosto que seja semente, talo, folha, flor e fruto da palavra. **Com todos[as] e em todos[as] me busco para ser completo.** Na noite, de cima, uma luz ri, como se na sombra de baixo se encontrasse. Vai-se março. Porém, chega a esperança. (LA HISTORIA..., 2001).

Ao apresentar esta narrativa ao modo de uma grande epígrafe, que tipo de conexões podemos fazer entre o que há de articulado nela e uma filosofia política? O que eu gostaria de discutir neste texto é uma espécie de imagem que podemos fazer da filosofia política como um exercício de lidar com a diferença e ver de que modo o zapatismo se articula como movimento político que se mostra, parece-me, como um poderoso modo latino-americano de uma política da diferença. Meu objetivo aqui não é defender ou criticar o zapatismo, mas apenas tentar ver de que forma esse movimento se apresenta como uma forma de pensamento político da diferença.

Uma filosofia política é praticamente um paradoxo, na medida em que a filosofia, tal como eu a entendo, é uma prática, uma experiência de pensamento que coloca toda e qualquer coisa em questão, inclusive a si mesma, de um modo crítico, que não pode tomar nada como pressuposto, que não tem um ponto em que as coisas são tidas como certeza, como base não possível de criticar. O reino das certezas é antifilosófico. Desse modo, tudo o que a filosofia toca sofre do rangido da desconstrução. Por outro lado, a

política é um conjunto de procedimentos que são tomados em função de pressupostos que não podem ser tão simplesmente negociados. A política tem bases, pilares que não podem ser simplesmente colocados em questão. Podemos pensar como exemplos que uma política pacifista ou uma política feminista não podem colocar em questão a crença de que as atitudes violentas e a dominação e/ou violência com relação às mulheres, respectivamente, devem ser combatidas. A política precisa de algumas certezas. A instauração do paradoxo se dá justamente no momento em que nos damos conta de que a filosofia política não apenas tem objetivos filosóficos, mas também objetivos políticos – penso que toda filosofia de algum modo, em uma instância superficial, é uma filosofia política, na medida em que assume posturas em relação ao mundo e à maneira como as pessoas se conduzem entre elas e nas relações com o mundo. Entretanto, no caso da *Filosofia Política*, isto é mais explícito. Não interrogamos filosoficamente a política sem uma posição política. Não há neutralidade possível que faça com que um pensador ou uma pensadora entre assepticamente em contato com um objeto de investigação. Nesse sentido, uma objetividade plena é uma ficção da postura dogmática de pensamento.

Por isso uma Filosofia Política se move, então, entre dois campos atritantes: o campo crítico radical da filosofia, e o campo muitas vezes normatizado da política. Esse paradoxo é resolvido de diferentes maneiras pelas diversas maneiras de se posicionar com relação à política, assim como das diversas formas de se posicionar em relação à filosofia.

A perspectiva que eu adotarei aqui é o da filosofia da diferença. A noção de filosofia que está afirmada aqui é a mesma que eu falava acima. A noção de diferença é um bocado diferente. Uma filosofia da diferença, um pensamento da diferença enfrenta a diferença como uma singularidade,

aquilo do que não há referência. Não é uma diferença “de”; é simplesmente *diferença*, intransitiva. Essa noção de diferença aparece como uma reação à noção de identidade muito forte na filosofia e na política “tradicionais”. O ser, o mesmo, o idêntico, as essências são categorias importantes para a história da filosofia. Os acordos, conciliações, a ideia de maioria e de consenso são ideias importantes para a política convencionalmente pensada. A democracia, por exemplo, na tentativa de fazer prevalecer cada voz em particular, o que consegue é dar a **mesma** voz para os participantes do processo, não importando que eles sejam diferentes. A democracia, ao menos em níveis formais, trata do mesmo modo todas as pessoas. Para a democracia, as pessoas são iguais diante da lei. E essa igualdade é dita de direitos.

Mas isso é verdade? Aliás, isso é possível? Desejável? Essas são algumas questões que uma filosofia da diferença se coloca para pensar desde uma perspectiva política. Uma filosofia política da diferença é uma desconfiança de que a identidade que atravessa tanto a filosofia e a política pode ser nociva para a singularidade, para aquilo que faz com que os indivíduos sejam únicos. A filosofia política da diferença assume a tensão que existe entre ser singular e ter que conviver com outros singulares.

A identidade é uma questão historicamente importante para os movimentos e posturas políticos. Para uma política antirracista, importa saber quem é racista e quem não é. Para uma política feminista, importa saber quem é misógino e quem não é. Para uma política liberal, importa saber quais são os assuntos do Estado e quais não são. Para a democracia importa saber o que é decisão da maioria, e o que não é. Uma política da diferença seria aquela à qual importa justamente o que as pessoas não têm em comum, à qual o que importa é aquilo que singulariza, individualiza as pessoas, as práticas,

as instituições. É uma postura que não tenta conciliar (que normalmente consiste em fazer sumir as diferenças), mas em lidar abertamente com as tensões advindas da diferença – que também existem nas políticas da identidade, mas que são escondidas, encobertas, disfarçadas (um exemplo disto é o que acontece na democracia com as posições ‘vencidas pela maioria’, que normalmente têm que ‘aceitar’ o que a maioria decide, ou se colocar na postura vitimizada, e iniciar uma ação reativa).

Em função das múltiplas e constantes tensões decorrentes desse enfrentamento com a diferença radical, uma política da diferença seria basicamente um processo incessante de criação de novos modos de vida; que tente contornar – assumindo – as dificuldades de lidar com essas diferenças, mas sempre as enfrentando incisivamente, sem sufocá-las, exterminá-las ou escondê-las. Uma filosofia política da diferença assume, desde a filosofia, essa tarefa. Uma tentativa de lidar com o pensamento, com a diferença, com todas as dificuldades que isso signifique.

Minha hipótese aqui é que o zapatismo apareça como uma forma política da diferença que comporta em si um pensamento da diferença. O zapatismo é um movimento político de guerrilheiros (indígenas em sua maioria) extremamente bem formados do ponto de vista intelectual, político e bélico no México que busca libertar o povo nativo do golfo, os descendentes dos antigos astecas e demais nações pré-colombianas daquela região do domínio imposto pela colonização europeia e pelo imperialismo dos Estados Unidos, reivindicando, principalmente, a posse da terra, por meio da reforma agrária, uso coletivo da terra, e a proteção das aldeias ainda existentes.

Entretanto, mais do que um simples movimento de revolta contra uma “metrópole” dominadora, o zapatismo apareceu como uma tentativa de não apenas desconstruir a tirania imposta e contra a qual o movimento resistiria,

mas também como toda uma tentativa de reinventar o mundo, um mundo sem desigualdades violentas, onde não apenas esses mexicanos, mas também todos os povos estariam sujeitos. Uma imagem de uma liberdade construída além das tiranias das fronteiras, além das tiranias das separações em etnias, línguas, saberes e economias. Gostaria de mostrar como isso apareceria no texto do Subcomandante Marcos que aparece na epígrafe.

Se imaginarmos Marcos falando isso a um conjunto de guerrilheiros na base de algum dos muitos montes de Chiapas (ou em Oaxaca, onde esse comunicado foi proferido em 31 de março de 2001), vamos nos envolver em uma atmosfera mítica. A própria linguagem da mensagem favorece esse ambiente. Um mito contado de uma maneira poética. Uma bela metáfora que tenta dar sentido ao que hoje se faz.

O que as pessoas zapatistas fazem é buscar. Buscar a libertação nacional, buscar o uso coletivo da terra, buscar eliminar a violência contra a humanidade dos humanos. Buscar... Mas por que todas essas buscas? Talvez seja isso o que a história tenta responder.

Antes da história propriamente dita, Marcos fala da lembrança de outra terra. Essa lembrança é um recurso ficcional. Marcos não está se lembrando de algo já simplesmente passado. Ele está desejando outro mundo. A lembrança de Marcos é a lembrança de um desejo. Desejo de outro tempo, de outra terra: *a nossa*. Um belo e interessante recurso: projetar no passado os anseios de um futuro, com vistas a ressignificar o presente.

O início da história é todo já desconcertante: ele não fala de um mundo construído, de um mundo feito, mas de um mundo nascido. Fala de deuses que em vez de terem feito o mundo, o nasceram. Esses são os deuses mais primeiros. Os deuses que nasceram o mundo. Deuses com minúsculas,

deuses plurais, deuses que não deixam tudo pronto. Deuses que choram, que se entristecem, deuses que querem compartilhar com os outros a tarefa de nascer o mundo. Foram deuses que não nasceram o mundo completo, mas que sabiam que muitos tinham também a tarefa de nascer o mundo para que ele fosse completo.

Esse nascer do mundo lembra outro evento de língua latina: María Zambrano, no prólogo da primeira edição de seu livro *Filosofía y Poesía*, diz também que seu livro não foi construído, que antes ele foi nascido. Diante de um conjunto de impossibilidades, surge o livro na forma de um nascimento. Um nascimento não é uma mera realização de um projeto já pré-definido: ele é um abalo, um acontecimento. Ele não é a passagem de um projeto possível, para uma realização desse mesmo projeto, ele não “passa do possível ao real, mas do impossível ao verdadeiro” (ZAMBRANO, 1996, p. 7). Um nascimento é a concretização do impossível, pois, de tantas impossibilidades, ele se abre no mundo. O início de um existir é a aparição de um impossível.

Assim é também esse mundo lembrado/desejado por Marcos. Não pode ser uma mera construção. Não pode ser a passagem de um possível projeto já concreto, sabido de antemão, mas a insurgência de um impossível: um nascimento. Um impossível não é simplesmente o que não tem uma possibilidade, mas também o improvável, aquilo que inquieta, o que desmobiliza a certeza dos pensamentos e das práticas. Um impossível é a introdução da descontinuidade na mera passagem do tempo no qual as coisas já têm um rumo previsível e esperado. Um impossível é a introdução no mundo de uma mudança de rumo, em direção ao incerto, ao ainda não sabido. Assim é um nascimento: não se sabe qual será o futuro do que nasce. Temos esperanças, nada mais.

A esperança é um estado de espera. Mas não uma espera que prevê o que virá, mas o que se coloca na espreita, tentando escutar o que virá, o que é se assume como imprevisível. Esperar o que normalmente não se espera. Esperar que o mundo seja diferente, que as coisas sejam diferentes, esperar que sejamos diferentes. Um mundo nascido por deuses que não pensam que têm que fazer tudo sozinhos, mas um mundo nascido que deixa a nós “homens e mulheres” a tarefa de continuar nascendo o mundo.

A ideia de que tenhamos a tarefa de nascer o mundo é marcante. Coloca-nos outra postura política. Não cabe a representação. Não cabe que deleguemos a outros e outras a tarefa de nascer as coisas, o mundo. É uma tarefa de cada um e cada uma de nós. Uma convocação, um apelo, um chamado. Mas um chamado paradoxal. A tarefa de nascer é de todos e todas, mas em nenhum lugar se diz como deve ser a efetivação desse nascer. Não há normas para nascer o mundo. Não há o imperativo de que todos e todas devam nascer o mundo do mesmo modo. Pelo contrário, quando os deuses mais primeiros falam do que falta para que o mundo seja completo, em vez de falarem em *todo mundo*, eles falam em *cada um*.

Esse *cada um* tem uma dupla aparição: por um lado é um imperativo geral – *cada um deve se encontrar* –, mas também é um convite que os deuses fazem na medida em que eles não podem “encontrar ninguém por esse alguém”: um deus não pode me encontrar por mim. E essa é a condição para que o mundo esteja completo, uma atividade que envolve a todos e todas, cada qual agindo de um modo diferente, não normatizado.

A resposta que os deuses dão à pergunta dos homens e mulheres de milho quando estes/as perguntam sobre o que é uma pendência, também é bastante interessante. Os homens e mulheres de milho já não podem saber o que é aquilo que os deuses deixaram de fazer e o que é aquilo que os homens

e mulheres já haveriam criado como novidade. Aí há uma forte afirmação: os homens e mulheres são criadores/as. Criadores/as de novidades, criadores/as de atos e coisas novas. Longe de serem reprodutores/as, meros realizadores/as de projetos prévios, eles/as são iniciadores/as. Eles/as, de algum modo, são também deuses/as. Daí a bela resposta: “saberão se o que encontram é uma pendência a nascer no mundo, se ajudarem a encontrarem a si próprios”. Por que isso tem a ver com o fato de que os homens e mulheres criem?

Esse talvez seja o fato mais fortemente político (no contexto de um pensamento político da diferença) presente no texto: o encontrar a si mesmo não significa meramente achar algo que já esteja previamente dado. Não significa procurar um “si mesmo” que os deuses já criaram e dizer: “este sou eu, Eureka!”. Pelo contrário, significa percorrer todos os caminhos dos seres humanos, percorrer a pluralidade, percorrer os muitos sentidos, as muitas singularidades.

Qualquer nômade sabe que essas caminhadas, essas viagens não nos deixam sendo sempre os/as mesmos/as. Uma viagem é uma experiência, é uma atividade da qual saímos transformados/as (diferentemente de um trânsito, onde se desloca de um lugar para o outro). Em viagens acontecem encontros com outros/as, e esse/a outro/a pode ser inclusive aquilo que eu ainda não sou, mas posso me converter *em*. Caminhar na busca de si próprio, mais do que buscar algo já pronto é construir o que se procura no percurso do caminho. E a tarefa política aqui é eminente: esses encontros são marcados pela diferença das posturas e dos olhares, marcados pela pluralidade. Esses encontros não têm necessariamente a marca da paz. Esses encontros podem ser tensos, podem implicar um embate. E nessa busca por nós mesmos, nos

encontramos não apenas com o que desejamos ser, mas também com o que não desejamos.

A postura diante do que não desejamos ser é um desafio. É bem mais simples encontrar o que procuramos, o que almejamos. Mas e quando nossos encontros são com os desafetos, com os inversos de nossos projetos, de nossos anseios? Eliminamos a diferença? Nós a colonizamos? O que fazemos com ela?

O desafio mapeado por Marcos é de que vivamos e morramos na busca de nós mesmos. É bem curioso que um guerrilheiro não diga “matemos e morramos”, pois isso implicaria necessariamente numa postura de recusa da diferença: mas ele não diz isso. Ele nos conclama a vivermos. Evidentemente a vida não é uma linearidade sem tensões. A vida é plena de encontros e desencontros. E talvez viver nessa busca de si mesmo seja assumir os paradoxos, assumir as tensões. E aí está a grande afirmação das políticas da diferença. Ela não é uma política da tolerância, do respeito. Todas essas são posturas que negativizam a diferença. Se eu tolero algo é porque esse algo é ruim e ainda assim tenho que manter com esse algo uma relação positiva. O respeito segue a mesma lógica. E em ambos os movimentos, o que se faz é fazer como se a diferença fosse amenizada, atenuada. Não se assume aí o que de tenso há na diferença.

O que uma política da diferença propõe é justamente assumir que existem diferenças e tensões e que devemos lidar com elas de outras maneiras que não as maneiras moralizadoras de princípio. Marcos, assim como qualquer um que transite por um pensamento da diferença, não vai dizer **como** lidar com as diferenças, mas tentar, nessa busca de si mesmo – que implica em percorrer o caminho de todos os povos da terra, inventar – criar novos modos de lidar com a diferença, sem adotar a tolerância e o respeito

como as únicas maneiras possíveis (mesmo que elas negativem a diferença).

Trilhar esses caminhos é mapeá-los apenas depois de percorrê-los. Não fazer um projeto, um programa que inclusive dite como vamos lidar com cada situação antes de nos encontrarmos com ela. Os políticos da identidade dirão que isso é uma postura insana, pois desprezaremos todo o conhecimento já acumulado na humanidade sobre as relações humanas, e estaremos, a todo o momento, a “reinventar a roda” e sem, ainda assim, evitar a violência.

Talvez... mas o pensamento da diferença desconfia dessa confiança cega na experiência já vivida e na necessidade de utilizá-la de maneira normativa. Obviamente o político da diferença utilizará de sua experiência vivida conforme ele/a sentir que seja o caso, mas isso deverá ser uma escolha e não uma norma. Até porque muito do que aprendemos em política foi minimizar, ocultar e violentar a diferença. E a postura de um político da diferença é uma postura de desconfiança, de suspeita. Uma postura de busca, na qual, buscando a si mesmo, ele busca novas formas de relações com aquilo ou aquele que ele *não é*.

Essa busca é um convite à busca de um mundo novo, menos opressivo, um mundo plural, onde caibam outros mundos, mundos não hierarquizados:

Um convite a um “devir”, a uma *heterogênese*, ou seja, a uma revolução de volta a nosso próprio eixo, da nossa própria visão de mundo. O andar, talvez como um perder-se, um deixar horizontes presentes, aquilo que já se conhece, o já ouvido, o que não “fala” mais porque já foi demasiadamente visto. O andar como uma postura de não conformação com a retórica e com o presente, um andar como um “já basta”, um

deslocar-se para outras perspectivas, outras visões híbridas e inéditas (DI FELICE, 2002, p. 29).

Outra marca interessante do movimento zapatista neste contexto é de pluralizar o rosto da liderança. Marcos é uma máscara, um simulacro. Marcos não é um indivíduo. Marcos é o plural de marco, de limites, que aparecem na liderança. Muitas são as pessoas que encarnam Marcos. Não há A liderança. Não se pode matar Marcos à bala. Marcos é um fluxo de vozes, desejos, cabeças. Cada rosto que encarna Marcos é diferente.

Marcos nos diz: “se você quer saber quem é Marcos, quem se esconde por trás de seu capuz, pegue um espelho e mire-se, a fisionomia que você descobrir é a de Marcos. Pois somos todos Marcos” (RAMONET, 2001, p. 19). Não é uma liderança que desmobilize a diferença, mas pelo contrário que a potencializa, assumindo os riscos que isso implique. Marcos é um signo da descentralização. Marcos é a marca da força de um simulacro. Marcos é a marca da diferença vivida em outros registros que não o da tolerância ou o do respeito e sem por isso criar um domínio de terror. Marcos é a marca de um movimento que aparece como “uma opção à paralisia política, ao conseguir desempoeirar ceticismos e afiar consciências e vontades” (NAVARRO, 2002, p.309). Um movimento que, no crescente da esperança, desafia o estabelecido entre o pensado e o vivido acerca das relações humanas, e, em especial, as políticas.

Poderíamos ainda falar sobre os homens e mulheres de milho, dos deuses que choram, dos deuses que não sabem da perda das pendências, do coelho, mas são assuntos que podemos, em nossa busca de nós mesmos, pensar, buscar **com todos/as e em todos/as** e sempre a cada vez, em cada um. Talvez essa seja uma coisa bonita de se aprender com o zapatismo.

A perspective of the latin-american political thought: the zapatism between the politics and the difference

Abstract

This paper, by looking at the Mexican Zapatista Movement, tries to present a Latin-American way of thinking politics, and specifically, a political way of dealing with plurality and difference, that one could call political philosophy of difference. This approach assumes the contradictions and complexities of political phenomena, presenting an invitation to think politics differently, re-inventing the places of social enunciation and collective participation. This look upon zapatismo springs from a reading of one of Subcomandante Marcos statement, called “The history of pursuit”, in which some ideas about politics are announced in a poetic and incisive way.

Keywords: Zapatism. Political philosophy. Difference. Latin-american thought.

Referências

DI FELICE, Massimo. Sete “deslocações” que diferenciam o EZLN dos demais movimentos sociais. In: BRIGE, Marco F.; DI FELICE, Máximo (Org.). *Votán-Zapata: a marcha indígena e a sublevação temporária*. São Paulo: Xamã, 2002.

LA HISTORIA DE LA BÚSQUEDA. Juchitan, 2001. Disponível em: <http://palabra.ezln.org.mx/comunicados/2001/2001_03_31.html>. Acesso em: 20 jun. 2009.

NAVARRO, Fernanda. Para pensar de outra maneira! O desafio zapatista. In: ARELLANO, Alejandro Buenonostro; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de (Org.). *Chiapas: construindo a esperança*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

RAMONET, Ignácio. Da selva de Lancadona para o mundo. *CEPAT Informa*, Curitiba, n. 71, 2001.

ZAMBRANO, María. *Filosofía y poesía*. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1996.

Agradecimento

Agradeço a Felipe Areda pelo companheirismo intelectual e de vida, pelos ventos trazidos à minha vida e ao meu pensamento e à Tatiana Nascimento dos Santos pelas dicas sobre os modos de pensar não hegemônicos. Também agradeço a Thiago Rocha da Cunha e a Roseclér Machado Gabardo pela companhia afetiva e intelectual que me dão suporte para viver e pensar.